

## Notas do Hemisfério Norte

Uma série de eventos relevantes tem tomado corpo no hemisfério norte. Como vivemos num Brasil globalizado, enumero aqui neste domingo algumas breves notas que creio úteis para iluminar meus leitores com perspectivas para a economia política mundial. Trato dos seguintes assuntos: (i) O Conselho de Segurança da ONU x Acordo tripartite Brasil-Irã-Turquia, (ii) Reforma na Saúde: Obama x Classe Média, (iii) Obama x Wall Street, (iv) A Tragédia Grega do Euro

(i) No final de maio tivemos duas surpresas seguidas no mundo da realpolitik: o Brasil estreava em cena alcançando acordo nuclear histórico com o Irã, de modo que a Turquia se tornaria uma espécie de fiel depositária do urânio iraniano. Logo em seguida os dois membros do conselho de segurança da ONU que costumavam se posicionar pró-Irã decidem apoiar uma resolução que impõe sanções àquele país. Estranho não? O boato que circula foi que o acordo tripartite só serviu para irritar os russos e os chineses, já que os asiáticos trabalharam bastante com os iranianos para que eles aceitassem os russos como fiéis depositários de urânio em acordo proposto pela Agencia Internacional de Energia Atômica em 2009. Diplomacia americana em ação.

(ii) Como escrevi já nesse espaço, ano passado, a aprovação da reforma da saúde nos EUA pelo governo Obama era um desafio a lógica democrática e só poderia ser explicada pela força presidencialista de um governo. Os reflexos disso já reluzem nas pesquisas de opinião. A desaprovação do presidente Obama pela classe média americana, maior prejudicada pela reforma já subiu mais de 20%. Lembrem-se que nos EUA o voto não é obrigatório e que o impacto disso nas urnas é maior do que nas pesquisas, porque os mais pobres votam menos. As eleições para o Congresso esse ano deverão mostrar isso.

(iii) Com o plano Geithner-Summers que salvou a economia americana da bancarrota tendo sido levado a cabo com sucesso a partir salvamento do sistema bancário com pouca nacionalização, parecia que Obama e Wall Street viveriam uma lua de mel. No entanto a vida é um pouco mais cruel. Apesar do governo Obama achar que a turma de Nova Iorque deveria lhe agradecer todos os dias pela ajuda, o mercado financeiro entende que Obama fez o que estava em seu melhor interesse e que agora com quase todas as dívidas saldadas junto ao governo deveria ter vida própria. Ou seja, não queriam nem ouvir falar em limite de bônus para pagamento de pessoal e tampouco em novas regulamentações. Ocorre que a famosa opinião pública cobrou uma atitude de Obama, que não pestanejou, partindo para o rompimento ao aprovar no congresso o plano Volker que implica uma série de regras que limitam negócios no mercado financeiro. Sem falar na investida da SEC, Comissão de Valores Mobiliários dos EUA, contra a Goldman Sachs. Fatos esses que levam atores políticos, mesmo outrora ligados aos democratas, como Dick Morris assessor do Presidente Clinton, a lançarem panfletos políticos acusando Obama de socialista radical. Dizem que a aposta de Obama é que não há clima para a oposição ser condescendente com Wall Street que no fim das contas terá que fechar novamente com ele.

(iv) Em alguns círculos de macroeconomistas americanos, não se fala em outra coisa. Pergunta-se quando é que o ECB e os alemães vão descobrir que manter a inflação na meta só é o único papel de um Banco Central em momentos de condições normais de temperatura e pressão. É que o Presidente Trichet está confuso porque as pessoas estão tristes com o ECB, já que a inflação está perto mas abaixo de 2%. Só falta um coreto americano cantando print, baby, print. Comenta-se muito da vacilada de Trichet ao dizer

que não compraria títulos gregos seguido de um cheque seu de 26 bilhões de euros para adquirir os referidos micos. A grande questão é que se descobriu que a Europa não é uma área monetária ótima e que é preciso uma união fiscal, mas a perda de soberania fiscal das nações só poderia acontecer diante de uma crise. Bem ela está aí e turbinada pelo fato de que o Ministro das Finanças alemão, braço direito da Merkel, está internado sem condições de nada decidir. Se os mecanismos de compensação fiscal para a manutenção do Euro serão construídos só o tempo irá dizer, enquanto isso a mágica dos juros baixos na periferia européia se torna um conto de outrora. No mundo acadêmico, a turma mais pessimista já fala no trilema político da economia mundial. Dani Rodrick diz que não é possível se ter alta globalização, democracia e estados soberanos. Tomara que ele esteja errado.

Igor Barenboim é Ph.D. em Economia por Harvard e Subsecretário Municipal de Administração do Rio de Janeiro